

Conclusão

Existe toda uma discussão sobre a intenção primordial da filosofia de Descartes, e por conseqüência, da função que Deus teria em tal sistema. Nossa leitura até aqui permitiu-nos apenas identificar ou mesmo retomar um Descartes já tradicionalmente conhecido. Neste sentido, não descobrimos exclusivamente um apologista da religião cristã embora reconheçamos que o Deus da revelação e o Deus da razão natural sejam o mesmo neste filósofo. Também não acreditamos na consideração da metafísica como um apêndice retórico com o objetivo único de suavizar o advento de uma nova visão da natureza, mesmo que tenhamos que reconhecer que em algumas ocasiões Descartes fala em acomodar sua linguagem à diversidade dos espíritos.

Chegamos então à imagem de um filósofo que se orgulha de sua religião mas que diz claramente que um douto não teria mais chance de ganhar o céu que um ignorante, como se dissesse que em se tratando de religião o uso dos princípios racionais inatos não tem tanto valor. É por isso que em toda a sua obra ele evita ao máximo polêmicas religiosas, não obtendo nesse quesito nenhum sucesso, como fica claro no extenso volume de páginas dedicadas a sua defesa.¹ Pela mesma razão, nas *Meditações Metafísicas*, busca-se a explicação do erro, não do pecado. Entendemos também que a metafísica faz um conjunto com a física e que a preocupação de Descartes é dotar a física de uma certeza metafísica, ou, em suas próprias palavras, uma certeza superior à certeza vulgar. A certeza vulgar que mencionamos agora se relaciona à certeza das matemáticas. Se nos recordarmos de que Descartes não pretendia ter como princípios na física nada que não tivesse o mesmo caráter na Geometria², temos fortes razões para dizer que a certeza vulgar acima citada se refere a todo o projeto de matematização da natureza empreendido no séc.XVII. Desta maneira, Descartes tem uma séria preocupação com o fundamento último da nova visão da natureza que ele, Galileu e companhia estão construindo. A demonstração da existência de Deus é portanto a demonstração do fundamento, daquilo que Descartes metaforicamente denomina como a “raiz” da filosofia.

¹ Cf. Carta a Voetius.

² AT. IX-2. Pág. 101.

O que é fundado pelo conhecimento da existência de Deus? Nada menos que o critério de clareza e distinção, que é o critério de verdade, e que em alguns momentos, Descartes formula de forma diferente. Por exemplo, escrevendo ao Padre Gibieuf³, ele diz que, nos assegurando de que não podemos ter nenhum conhecimento daquilo que está fora do espírito senão por intermédio de suas idéias, temos que nos guardar de emitir juízos sobre estas coisas e de atribuir-lhes algo de positivo, a não ser no caso de perceber antes, na idéia, este caráter positivo. Assim, por exemplo, como a idéia de calor não é uma idéia positiva, eu não posso julgar que o calor exista fora de mim como algo real.

Mas adiante, na mesma carta, Descartes explica qual é o critério para se conhecer quando uma idéia torna-se inadequada ou incompleta por alguma abstração do entendimento. Para ver se uma idéia é incompleta ou inadequada basta examinar se ela não foi tirada, não de alguma coisa fora de mim mais completa, mas de alguma outra idéia mais ampla e completa. Se ela for tirada de algo mais completo, isto é, de uma substância, ela não pode ser mais do que um modo. Tornar uma idéia inadequada então é pensar um modo, isto é, uma coisa incompleta, como completa, ou seja, como substância. Um exemplo dado por Descartes é a separação entre a figura e a extensão. A figura não pode ser pensada adequadamente sem a extensão, o que acontece é que eu posso através da força abstrativa do intelecto pensar uma determinada figura sem sua limitação, isto é, sem pensar que ela é uma diversificação de uma extensão, o que torna este pensamento confuso. Com isso, todo o esforço consiste em conhecer as idéias das substâncias, pois estas são os elementos de todo o conhecimento verdadeiro. Para Descartes, não há outro critério de verdade em nosso intelecto. No entanto, mesmo sem encontrar outro tipo de critério, por exigência racional, tenho que fundamentá-lo, ou, em outras palavras, tenho que perguntar por sua causa, chegando então até Deus.

³ AT. III. 479.